

MARIO OSORIO MARQUES: Um Profanador dos Pedagogismos da Morte

Anderson Tedesco¹

Roque Strieder²

Arnaldo Nogaro³

RESUMO

O artigo reflete acerca das contribuições do humanista Mario Osorio Marques no contexto da educação. Trata-se de um pensador original e ainda pouco conhecido na academia, cuja tematização a respeito de sua vida é feita com base na experiência de convívio de um de seus ex-alunos, em consulta a suas obras e em outros aportes teóricos, resultando em uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo e poético. Sua postura epistêmica de pensar os problemas educacionais o fez romper fronteiras geográficas. Dentre seus feitos, está a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi), no ano de 1957, hoje Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), e, mais tarde, em sua atuação como idealizador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação – PPGE/Unijuí. Mario Osorio compreendeu como poucos a importância da universidade como ambiente de formação e constituição de humanidades, valendo-se de pilares como a pesquisa, a leitura e a escrita. Mais que uma ação de aprender, a leitura e a escrita, para ele, são atos de resistência. Ele deixou muito mais que um legado vivo de compreensão de universidade e de formação profana, que não se entrega ao empobrecimento imposto pela lógica racional, fragmentária e transmissiva à qual fomos e continuamos expostos. Ele deixou o exemplo de persistência epistemológica, demonstrando que ler, escrever e conhecer são pilares de emancipação humana, produtores de mundo, geradores de consciência e energia viva, que nos impelem e desafiam a sermos humanos, demasiado humanos, em nossa intempestividade ético-formativa.

Palavras-chave: Universidade; Formação humana; Mario Osorio Marques.

MARIO OSORIO MARQUES: A DESECRATOR'S PEDAGOGISMS OF DEATH

ABSTRACT

This article reflects on the contributions of the humanist Mario Osorio Marques in the context of education. He is an original thinker who is still little known in academia. The thematization of his life is based on the experience of one of his former students, in consultation with his works and other theoretical contributions, resulting in bibliographic research of a qualitative and poetic nature. His epistemic stance of thinking about educational problems made him break geographical boundaries. Among his achievements is the creation of FAFI (Faculty of Philosophy, Sciences and Letters) in 1957, today the Regional University of the Northwest of the State of Rio Grande do Sul - UNIJUI and, later, he was the idealizer in opening the Post-graduate Program in Educational Sciences – PPGE/Unijuí. Mario Osorio understood like few others the importance of the University as an environment for the formation and development of humanities, using pillars such as research, reading and writing. More than just an act of learning, reading and writing, for him, are acts of resistance. He left much more than a living legacy of understanding the University and of secular education that does not give in to the impoverishment imposed by the rational, fragmentary and transmissive logic to which we were and continue to be exposed. He left an example of epistemological persistence, demonstrating that reading, writing and knowing are pillars of human emancipation, producers of the world, generators of consciousness and living energy that impel and challenge us to be all too human in our ethical-formative untimeliness.

Keywords: University; Human formation; Mario Osorio Marques.

Submetido em: 05/11/2024

Aceito em: 12/5/2025

Publicado em: 30/7/2025

¹ Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc. Joaçaba/SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7425-1748>

² Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc. Joaçaba/SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0007-7628>

³ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. Erechim/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0517-0511>

INTRODUÇÃO

O artigo em questão foi imaginado e escrito para comemorar a celebração do centenário, em 2025, do nascimento de Mario Osorio Marques. A proposição da Revista Contexto e Educação, da Unijuí, que lançou um dossiê temático para o recebimento de artigos, é reunir tributos (re)flexivos que possibilitem traduzir o legado intelectual do referido humanista. É absolutamente nessa condição, diríamos ontológica, que o Humano Mario Osorio Marques cria sua jornada como um ato de existir. Ele, nas palavras de Heidegger, é Ser no Mundo e ao estar no mundo – abriu-se em suas relações de viveres e testemunhou em suas obras as dimensões de uma formação que abrange os contextos epistêmico, ético, político, estético e poético, entre outros.

Dito isto, este é um texto que se configura como um convite aberto aos contextos formativos-educativos (escolas e universidades), para que criem condições de espaços investigativos e não mais posterguem ou dilacerem as curiosidades dos educandos ou estudantes para um amanhã que nunca nasce. Por isso, é um chamado urgente, para que nasça o hoje formativo-educativo, cuja mensagem indica a necessidade de inspirar as crianças, os jovens e os adultos ao espírito do “curiosar”. Desse modo, haverá possibilidades de rompimento às práticas tradicionais, “[...] voltadas à transmissão e à passividade receptiva, tornam-se obstáculos ao desenvolvimento do espírito de curiosidade e de investigação” (Strieder, 2009, p. 10). Aos ditos “pedagogismos”, que se constituem engessados em racionalismos instrumentais e causam a morte da capacidade de questionar ou de profanar. Assim, inspirados em Mario Osorio Marques, perguntamos: Mas, afinal, quem foi ele?

Tudo se inicia no dia 2 de janeiro de 1925, na cidade de São Francisco de Paula (RS), que lembra, entre outros acontecimentos, o nascimento de um educador humanista chamado Mario Osorio Marques, que veio a falecer em 14 de dezembro de 2002, aos 77 anos. Aos estudiosos do conjunto de suas obras, deixou um legado inestimável e original, muito do qual há de ser ainda desvelado. É uma voz que precisa ecoar fortemente também nas ciências da educação.

A formação humana de Mario Osorio Marques foi constituída em uma infância marcada por um contexto geográfico aconchegante e entrelaçado com a própria natureza. Seus pais, Francisco Osorio Marques e Maria Ignácia Rodrigues, eram fazendeiros e pecuaristas. Então, imaginamos uma convivência de Mario Osorio Marques amigável com animais e vegetais, e uma disposição contemplativa com as bonitas paisagens daquele lugar. Ele próprio assim nos apresenta:

A paisagem geográfica primeira de meu imaginário foi a localidade de Vista Alegre, denominação então recentemente dada ao antigo Chapéu Velho, próximo ao Morro do Chapéu, e posteriormente substituída pela atual Jaquirana, no município de São Francisco de Paula a que então pertencia, e nos limites com o município de Bom Jesus (Marques, 2006, p. 15).

É nesse contexto de serenidade que se constituíram os primeiros aspectos de uma vivência de infância em alegria. O pequeno menino já dava sinais de sua grandeza;

ele mesmo disse um dia: “[...] obsessão de salvador da pátria, isto é, uma exigência de perfeição exemplar e de participação nos destinos de todo mundo” (Marques, 2006, p. 17). Em suas palavras, indicava alguém que faria a profanação das injustiças sociais, que estaria atento às mudanças do seu tempo presente, e nele agiria conforme as exigências políticas e éticas.

Dentre os depoimentos de sua própria história, um nos chama a atenção: o relato de um certo dia, em que sua tia lhe perguntou: “O que desejava ser na vida. Minha resposta, clara e seca, me deixa até hoje perplexo: queria ser sábio” (Marques, 2006, p. 20). Tais palavras encontraram sentido quando decidiu seguir em sua vida um viver numa caminhada religiosa de mundo, ao tornar-se frei capuchinho. Também conhecido como Frei Matias, pertenceu à Ordem de São Francisco de Paula, exercendo o sacerdócio na cidade de Ijuí (RS), até a vida e os conviveres lhe apresentar novos sentidos, ao abandonar esse projeto existencial para constituir família. Essa caminhada na vida religiosa lhe proporcionou uma formação sólida e humana, ao concluir filosofia e teologia e doutorar-se em educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 1996.

Quando se elabora uma escrita que trate da sensibilidade existencial de Mario Osorio Marques, decidimos considerar, por primeiro, as palavras de quem foi estudante do mestre Osorio, o educador Roque Strieder, que constituiu memórias e leituras epistêmicas daquele intelectual humanista. Posteriormente, consideramos, no conjunto de suas obras, a tradução e compreensão de formação humana nos contextos de universidades, em que profanou e não se entregou ao empobrecimento humano imposto pela lógica racional, fragmentária e transmissiva à qual fomos e continuamos expostos.

A CIÊNCIA DO EDUCADOR MARIO OSORIO MARQUES NA PERSPECTIVA DO ESTUDANTE ROQUE STRIEDER

Concluído o curso em nível médio no Colégio Normal São Vicente, em Itapiranga/SC, no ano de 1975, prestei vestibular para ingressar no Ensino Superior na então Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (Fidene), em Ijuí/RS. Obtive aprovação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, no curso de Licenciatura em Ciências – 1º Grau.

Ano de 1976. Primeiro semestre letivo, dentre outros componentes curriculares, era oferecido o de Sociologia. Um grupo de aproximadamente 50 alunos/estudantes matriculados aguardavam com curiosidade e certo grau de estranheza a entrada do professor desse componente pedagógico, incluído num curso de Ciências Exatas. Pelos corredores do prédio da Fidene já havíamos ouvido falar do professor Mario Osorio Marques, também nomeado Frei Matias. As referências sinalizavam tratar-se de um professor sério, exigente, reflexivo e capaz, mas de tratamento suave e cordial junto aos alunos/estudantes.

Como iniciantes no Ensino Superior, a expressão sociologia tinha significado restrito e simplista. Após as exposições iniciais do professor Mario Osorio Marques a concepção se ampliou, mas acabou gerando muita confusão mental, uma vez que marcava distâncias do mensurável e exato, uma vez que se trata de uma ciência humana que visa conhecer e entender melhor as relações intersubjetivas e as relações humanas no âmbito das estruturas sociais. Assim, Mario Osorio Marques nos convidou a pensar sobre os comportamentos das pessoas em âmbito social e, portanto, também escolar. Tratava-se de um contexto de variáveis com muita aleatoriedade, envolvendo as singularidades tanto quanto as diversidades, de difícil ou mesmo impossível quantificação, foco maior na centralidade de nosso curso. Tivemos que renunciar ao esteio seguro de princípios, teoremas e fórmulas matemáticas e tentar alargar nossos pensares para variáveis insubmissas, dançantes e ondulantes, onde a efemeridade tende ao “tudo o que é sólido desmancha no ar” (Berman, 1986). Mario Osorio nos convidava para reflexões, com o propósito de nos fazer compreender a existência de comportamentos e condutas em âmbito social, não mensuráveis, porque envoltas pela cultura, pelas tradições, pelos conservadorismos, mudanças, inovações e acontecimentos nos viveres e conviveres cotidianos. Sim, ele alertava sobre a possibilidade da existência de padrões de relações sociais e interações sociais, mas inexatos, mutantes, que profanam e se profanam, tangenciando-se das fórmulas prontas para enquadrar, mensurar e certificar uma verdade absoluta.

Graduado em Filosofia, com trânsito fácil pelo latim, nos alertava constantemente sobre a importância etimológica da origem e evolução das palavras e expressões. Um alerta importante, pois, na condição de seres linguajantes, nosso linguajar é também nosso modo de viver, nosso modo de fazer “coisas”, de fazer-se gente, de fazer-se ser humano. O linguajar coordena nossas condutas ao convivermos, ou seja, ao sermos consensuais. E é dessa maneira que Maturana (2014, p. 168) também entende a linguagem, ao afirmar ser um fenômeno biológico que

consiste num fluir de interações recorrentes que constituem um sistema de coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta [...] Nenhuma conduta, nenhum gesto ou postura corporal particular constitui por si só um elemento da linguagem, mas é parte dela somente na medida em que pertence a um fluir recursivo de coordenações consensuais de conduta.

É com essa compreensão que Mario Osorio procurava nos alertar de que a razão e a lógica cartesiana do raciocínio, seja o matemático das ciências exatas ou de qualquer ciência humana, não se encontram ancoradas em princípios transcendentais e, portanto, não se constituem com validades universais. Não foi fácil, na época, entender e aceitar que nosso operar como sistemas vivos e que nele nosso pensar se constitui e é constituído de argumentos que nós construímos são fundamentados em nossos domínios particulares de coordenações consensuais de condutas (Maturana, 2014).

Atualmente, compreende-se quão profundo e diferente eram as proposições e provocações filosóficas, sociológicas e epistemológicas de Mario Osorio Marques. Ele anunciava a importância de profanar o discurso e a lógica dos conhecimentos

pragmáticos e instrumentalizados, sempre de cunho utilitarista e mercadológico e a serviço da dominação e do poder. No escopo desse conhecimento escondiam-se os lados obscuros e controversos das ameaças humanas, sociais e históricas. Sustentava Mario Osorio Marques que esses conhecimentos fomentam expectativas de eficiência voltadas exclusivamente ao econômico-mercadológico, com o objetivo de reduzir o ser humano a um instrumento útil e produtivo, sedento por consumismo. Um ser humano sem identidade, individualista e empresário de si mesmo e em busca de ascensão social.

Mario Osorio sentia-se revestido pelo temor, e o exalava diante de seus alunos/estudantes ao falar das ameaças de que a racionalidade científica e tecnológica se tornaria o foco central e um eixo condutor dos fazeres e das condutas na atualidade contemporânea, penetrando inclusive as instituições de ensino em qualquer nível de atuação.

Na atualidade pós-moderna, listamos miríades de efeitos perversos e danosos aos propósitos de humanização, como a algoritmização de nossas condutas, os danos à saúde resultantes de alimentos ultraprocessados e de baixa qualidade nutritiva, os danos à capacidade reflexiva e uma consequente condição de paralisia frente à redução do ser humano a um produto de serventia técnica. Por isso mesmo, o viver e os fazeres pedagógicos, profundamente sustentados em princípios epistemológicos de Mario Osorio se enraízam, não somente em ladainhas de denúncias, mas, também, em rosários de proposições reflexivas em nível intelectual, acenando para diferentes possibilidades formativas. Ele era sabedor da importância dos conhecimentos técnicos, mas os postulava como incapazes de substituírem a reflexão intelectual e fundamentarem os agires éticos.

Em todos os âmbitos de seus que fazeres docentes e formativos, Mario Osorio conclamava pelo engajamento de professores, compreendendo ser tarefa escolar prioritária a formação, seguindo-se a da instrução. Seu grande legado em artigos, capítulos de livros e mesmo livros enfatizam, com veemência, a importância da oferta formativa humanizadora, ancorada em dinâmicas questionadoras capazes e construtoras de diferentes conhecimentos. Eis sua perspectiva epistemológica, visando a melhor compreensão da condição autopoiética de todos os seres vivos, incluindo os humanos, da complexidade social e sua diversidade, sem nunca varrer para o esquecimento as singularidades. Nessa sonhada aventura epistemológica está o respeito à alteridade, um marco importante de desvio da dominação ideológica, repressiva e racista, sempre refém da misoginia e da aporofobia.

Especificamente, na atualidade contemporânea, o legado deixado por Mario Osorio Marques comparece como referência forte diante da retração dos pensares reflexivos e criativos. Com pesar, deve acompanhar o nível de decadência intelectual, que tende a ser instalado também no âmbito do Ensino Superior, que é cada vez mais submetido a doses de dominação ideológica, com a substituição de aulas presenciais, do face a face, do conversar⁴, por aulas na modalidade a distância – distâncias inter-

⁴ Segundo Maturana (2014, p. 167), conversar do latim “cum, que quer dizer “com”, e versare, que quer dizer “dar voltas com o outro”.

subjetivas, distâncias reflexivas, distâncias argumentativas, distâncias no conversar. Os professores, muitas vezes, movidos pela docilidade, se acomodam e se transformam em meros instrutores, quando não em mediadores. Tornam-se simples responsáveis por dar *feedbacks* aos alunos e a suas postagens virtuais. Mario Osorio deve ficar estarrecido ao saber que a epistemologia acaba, muitas vezes, dando lugar ao *marketing*, ao *ranking* e à publicidade, e a *influencers*, que começam a marcar presença em ambientes escolares presenciais e virtuais.

Ainda, estarrecido ao saber que as dinâmicas das aulas presenciais, fundamentadas no conversar, na reflexão intelectual, no despertar da curiosidade, no reaprender a fazer perguntas e no caminhar investigativo estejam sendo rendidas, gradativamente, ao âmbito das oficinas. “Oficinite”, como escrito no artigo *Educação: a aposta radical do oficiar* (Instituto Humanitas Unisinos, 2020). Lá, onde “se lê pouco e com pressa. Se discute menos do que se fala”. Um modelo “pedagógico” instrumental, que não questiona conceitos, práticas, códigos, dispositivos ou estilos tecnocráticos, que visam moldar e adequar os alunos a rapidamente se tornarem leitores de tutoriais. Oficinas concentradas e curtas, onde não cabe espaço para tentativas, para o incerto, o imperfeito. São espaços de estagnação, onde se forma gente obediente e conformista (Instituto Humanitas Unisinos, 2020).

Mario Osorio Marques! Apesar de todos esses desencontros no âmbito das instituições de ensino, existem os resistentes, que também sonham uma re-existência. Existem os profanadores, como defende Agamben (2007), sonhando diferentes usos para atividades pedagógicas e formativas. Existe o educador infame, conforme Michel Foucault (2003). E, com ele, a insistência na singularidade, nas vidas singulares, aquelas sabotadas pela lógica da massificação e pelos universalismos.

Existem, Mario Osorio Marques, na atualidade, os defensores da Biologia do Conhecer e da autopoiese, que semeiam concepções inovadoras, como: 1) “[...] o principal para explicar e compreender os seres vivos era levar em conta sua condição de entes separados, autônomos, que existem como unidades independentes” (Maturana; Varela, 1997, p. 11); 2) que os seres vivos em geral e os seres humanos em particular, são possuidores das seguintes características: a) são seres autônomos; b) são seres possuidores de individualidade; c) são seres definidos como unidades; d) são seres não dotados de entradas e saídas, embora possam “[...] ser perturbados por fatos externos, e experimentar mudanças internas que compensam essas perturbações” (Maturana; Varela, 1997, p. 73); e, 3) Que se quisermos conhecer e compreender o fenômeno do conhecer “[...] o que tenho que fazer é explicar o ser humano; explicar esse conhecedor, que sou eu ou qualquer um de nós” (Maturana, 2003, p. 27) . Outros e tantos outros...

Enfim, Mario Osorio Marques, continuas vivo, continuas vivendo e fazendo diferença, e teu legado permanece sendo alargado, como algo bem-feito e, além disso, bonito. Enfim, continuamos cientes da importância da pedagogia e conscientes da impossibilidade de substituí-la pela “Inteligência Artificial (IA)”.

MARIO OSORIO MARQUES: UM LEGADO INTEMPESTIVO E PROFANO DE UNIVERSIDADE

Em face disso, compreende-se que, no contexto da Universidade, há a necessidade de (re)pensar os pressupostos de formação humana. Elas precisam se constituir em condições éticas que se traduzam em sensibilidades planetárias. Tal proposta é desafiadora e complexa, mas urgente em nossos espaços formativos e educativos. Esses novos caminharos do formar o humano “[...] requer abrir-se para a curiosidade e desejar mergulhar não apenas no já conhecido, mas e, principalmente, nas profundezas do ainda não conhecido” (Strieder, 2009, p. 9). É preciso profanar os conformismos da passividade e das transmissões de conhecimentos lineares e, assim, criar, em contextos formativos e educativos, possibilidades de (re)fazer o convite à curiosidade. Essa profanação implica rompimentos com os pedagogismos das respostas prontas e acabadas e dos racionalismos da morte.

Pensar em reflexões sobre o humano, que sejam consistentes na perspectiva dos processos educativos, requer relembrar os sentidos epistêmicos, éticos-poéticos, estéticos e políticos da história da universidade, dos ditos Templos Sagrados do Saber. Nessa direção, sabe-se que a *rememoração*⁵ histórica é fundamental para legitimar esses espaços como formativos e, assim, ampliar tais diálogos formativos.

O tensionamento a respeito da universidade enquanto espaço de formação humana nos remete ao questionamento de Maturana e Rezepka (2003): Quando começou o humano? Certamente, muito antes da criação da academia. No entendimento dos autores, nós existimos na linguagem e em todas as nossas obras ao longo da história, no entanto, por que precisamos recuperar o questionamento da formação humana? Porque não basta provermos as condições materiais para que nos definamos; há elementos mais profundos da dimensão da existência que necessitam ser incluídos. Mesmo que sejamos o presente de um processo de evolução histórica, remanescentes de um projeto em curso, há muito por se fazer na tarefa de hominização, motivo pelo qual vislumbramos o *lócus* universitário como contexto privilegiado de polimento do ser humano em busca de sua melhor versão. A universidade, enquanto modo de estar e ser do humano, abre-se como incubadora da constituição de si e do outro, na consciência eminente “[...] com o bem-estar do outro, temos preocupações éticas, atentamos ao que fazemos e nos preocupamos com suas consequências em outros seres humanos e não humanos” (Maturana; Rezepka, 2003, p. 75).

No percurso da constituição ontológica gregária e coletiva dos estudantes, o ambiente universitário reveste-se de compromisso com a dignidade humana espelhada na conduta docente, no respeito à autonomia criativa e no protagonismo de quem vem, não somente para aprender, aprimorar-se e eivar-se de conhecimento, mas,

⁵ Segundo Vaz (2006, p. 17), “[...] a **rememoração** (*Erinnerung*) histórica dos problemas filosóficos remonta, como é sabido, a Platão e foi ilustrada amplamente por Aristóteles como parte essencial do método de pesquisa. E a essa rememoração Hegel deu uma estrutura dialética em suas célebres “*Lições sobre a História da Filosofia*”.

para ser, para a criação de um mundo que rompe com as idiossincrasias em busca da consciência social, olhando o ser do outro enquanto projeta e arquiteta o seu. Não se trata de ver a universidade como correção de percursos malfeitos, mas de um espaço/tempo relacional essencial para a descoberta ou mesmo criação de um sentido comum, onde há possibilidade de crescer e de exercer livremente o pensamento crítico, da emergência da consciência política, da descoberta e recriação dos significados do existir, da superação do *Homo Faber*, com sua mecanicidade e instrumentalidade, que gera sofrimento e o faz sucumbir pelo desaparecimento do espírito criativo, que provoca a perda do *sensus existentia*.

Marques (1990), enquanto homem de ciência e com aguçado espírito investigativo, nos alertava dos perigos da instrumentalidade e do mecanicismo operante nos ambientes formativos. Ao observar a ampliação e ocupação do território pela cibernética e informática, hoje materializadas na IA, constata que sua invasão no pensamento humano o fecunda

[...] e impulsionam em dimensões incomensuráveis, mas que, no seu próprio poder de eliminar as disfunções e desordens, limitam-no e o reduzem à lógica instrumental da simplificação e da manipulação generalizadas e inconsistentes, podam-no de suas capacidades de livre jogo e de criatividade, de incorporar e processar a desordem, o imprevisível, a relativização da própria razão (Marques, 1990a, p. 29).

A universidade do século 21 carrega consigo os embates de diferentes grupos sociais, cujos ideais estão circundados por questões políticas, ideológicas, econômicas, epistemológicas, e cujos interesses nem sempre colocam no centro de suas preocupações o *Homo sapiens*. Pelo contrário, o ápice do tecnicismo instalado ampara-se na crença de que a IA pode substituir a árdua missão acadêmica de formação do ser humano, como humano. Encontramos docentes universitários assustados pelo medo de serem substituídos por ela e serem obrigados a deixarem seus postos. É aqui, contudo, que cabe indagar e resgatar a essência formadora e significativa da universidade, questionando-nos: Universidade para quê? Para quem? Com qual propósito?

Vemos universitários utilizarem ferramentas da IA (nominada por alguns como inteligência sintética⁶) para dar conta das tarefas acadêmicas e cumprirem suas incumbências de “estudantes”. Se Mario Osorio estivesse vivo, como um humano atento ao seu tempo, não negaria este fenômeno como decorrência de um dos braços da sociedade vigente, e teceria suas considerações críticas com a lucidez intelectual que lhe era peculiar. Não condenaria a lógica do uso ferramental, mas nos aconselharia a pensar mais profundamente nas consequências e no resultado de tudo isso. O que aparece para muitos como cor suave e agradável aos olhos, para Mario Osorio (1990, p. 32) estaria no campo do fragmentado, do esmigalhado ao extremo, abstraído de seu “[...] ambiente e de seu sistema de relações, o objeto do conhecimento tornou-se manipulável para a experimentação, mutilado em seu ser, separado de suas condições de existência, artificialmente reproduzível”.

⁶ Neurocientista Álvaro Machado Dias (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MuvQvYlIDU&t=1269s>).

A universidade contemporânea parece viver uma crise de identidade e sofrer com a perda de seu lugar de referência do saber. Emergem iniciativas e modelos de se produzir “conhecimento” que disseminam a ideia de que se constituem em arautos e realizadores dos desejos da sociedade, no que diz respeito à inovação e à resolução dos problemas que enfrentamos, dispostos a ocupar o lugar da formação oferecida pela universidade. Ela não é mais concebida como produtora de ciência e vanguarda do pensamento criador, para ser vista como reduto da morosidade e do artificialismo cognitivo pelos “gurus” do pensamento “disruptivo”, cujas características são o sofisma e a superficialidade de pensamento, que servem de alimento ao vazio epistemológico sobre o qual se sustenta nossa sociedade. Guitton (2018) tem opinião formada a respeito disso quando diz que nossa civilização, supersaturada de conhecimentos e meios de conhecer, proporciona ao ser humano tantas máscaras e tantos falsos apoios que ele já não distingue entre o que sabe e o que ignora.

Marques (2003) viveu em um cenário bastante diferente do que vivemos no século 21, cuja tônica é a mediação tecnológica e o governo dos algoritmos, em que a ânsia pela novidade beira à patologia. Este nos põe diante de muitos dilemas e incertezas, pois nem tudo que é novidade é bom ou gera bem-estar. Embora haja propaladores da era digital, no nosso ponto de vista pairam muitas preocupações com o que observamos no seio da universidade, especialmente quando estamos falando de uma aceitação passiva, sem reservas, de certos modismos que comprometem a formação do estudante. A redução da competência linguística (pobreza vocabular, incapacidade de escrita e de interpretação de textos mais complexos), a pouca proficiência em textos densos, a cultura da resenha no lugar da leitura extensa e profunda e a ausência de rigorosidade metódica para com o estudo transformam a universidade em uma ilha da fantasia, na qual a reprodução é aceita em detrimento do desenvolvimento da autonomia de pensamento, de construções escritas e reflexivas que emergem das entranhas de nossa mente orgânica. Este combo seria aprovado por Marques (2003, p. 26) , especialmente porque ele via a escrita como recurso de formação, como “[...] provocação ao pensar, como o suave deslizar da reflexão, como a busca do aprender, princípio da investigação”, quase que exceções na experiência acadêmica de hoje, que carrega elementos substituídos, empalidecidos e desidratados pela racionalidade instrumental que colonizou a mente, atrofiando-a na prática de significativo número de docentes e alunos/“estudantes” do Ensino Superior.

Quando pensamos na universidade, sob a lógica do raciocínio de Marques (2003), vemos-a como um ateliê de criatividade, onde os estudantes a ela recorrem para expandir seus desejos e materializar seus propósitos, formativos e profissionais, mais sagrados. O encontro com o pensamento criativo não corre como condição de resposta ou desafio diante de um problema prático a ser solucionado, mas enquanto satisfação de uma aspiração (Morin, 2020), como recurso da poesia da vida e dos viveres com seus sofrimentos, alegrias, pesares e felicidades, jamais quantificáveis pelo cálculo matemático, mas como recursos da emocionalidade e da alma, redutos do viver e conviver não algoritmizáveis.

A leitura das obras de Mario Osorio instiga o pensamento disruptivo, nos situa em outro patamar cognitivo, antagônico à lógica de *Thánatos*. Para ele, a letra mata, o espírito vivifica. Espírito este fugidio, mas que se renova a cada esforço cognitivo feito por professores e estudantes em nome da *ζωή* (vida), no intuito de superar a macabra condição proposta pelos mensageiros do perecimento humano. Neste sentido, a universidade deve contrapor-se à reprodução, à cópia, aos textos padronizados do *ChatGPT*, pois eles são artefatos de *Thánatos* do conhecimento e da formação. Na medida em que se legitimar o uso deste raciocínio perderemos, por completo, a essência formadora, pois, como Guitton (2018, p. 111) nos pede, é “[...] preciso nunca esquecer que o que nos é oferecido nesse instante não nos será proporcionado de novo. O que em determinado momento omitimos, omiti-lo-emos para todo sempre”. Recuperar o caráter formativo da universidade torna-se o objetivo primeiro e originário, sempre lembrando que os obstáculos são grandes e entranhados no bojo do sistema tecno-capitalista, que toma a universidade como meio de realizar seus interesses. Para contrapor-se ao que está posto, há que se ter como princípio a formação humana como processo essencialmente autorreflexivo e, tendo-se em vista o fato iniludível de que a Declaração de Bolonha anda na contramão dessa experiência fundamental, é preciso que apontemos e lutemos contra o desrespeito das políticas educativas empenhadas em obnubilar e sufocar seu potencial formador (Dalbosco; Flickinger, 2024).

A Universidade, inspirada no legado de Mario Osorio Marques, se apresenta como um espaço profanador e intempestivo. Nela, a ciência não é meramente um corpo de conhecimentos sistematizados e aplicados, e nem um desafio indubitável na busca por verdades, mas um modo de viver dedicado à paixão pelo explicar (Maturana, 2001). A ciência jamais pode assumir responsabilidade por si mesma. Quem terá que fazê-lo são os cientistas e indivíduos de modo geral. A ciência continuará sendo insuflada, tanto pela curiosidade quanto pelas questões de poder. A curiosidade só encontra motivação e abertura para *insights* originais e criativos se as chamadas barreiras da certeza e da fixação deixarem de assumir a condição de rígidas e se perceberem abertas, ou seja, desenvolver conceitos não-lineares, opostos tipo a causa disso é aquilo, como visões multifacetadas, possibilita que inúmeras variáveis transitem e influenciem a complexa trama de nosso funcionamento e do funcionamento das coisas à nossa volta. Dito isto, não temos dúvidas de que assim seria uma aula (re)flexiva na presença de Mario Osorio Marques.

CONSIDERAÇÕES INTEMPESTIVAS

É possível exaurir, do conjunto de obras de Mario Osorio Marques, três dimensões de uma pedagogia ou ciência do educador intempestivo: 1) Hermenêutica; 2) Crítica-dialética; e, 3) Racionalidade epistêmico-instrumental. Na primeira, encontramos subsídios epistêmicos que nos impulsionam para a constituição de uma formação universitária “em contraposição ao objetivismo científico e à imparcialidade metodológica baseada na oposição homem e mundo, sujeito e objeto, a hermenêutica considera o homem como ser-no-mundo” (Marques, 1990a, p. 93). Dito isso, caracte-

riza-se como pedagogia hermenêutica aquela que: “[...] procura penetrar no tempo da educação para desvendar-lhe o sentido histórico. [...] Trata-se de um ‘refazer para trás’ do processo pelo qual se sedimentaram os sentidos que agem na subjetividade presente e as condições materiais que os sustentam” (Marques, 1990, p. 18).

É a capacidade legítima de tradução e compreensão da cultura na tradição, não descartando, mas dando novos contornos e movimentos formativos e educativos. Diria Marques (1990a, p. 94) “[...] reconstruí-los em seu sentido de agora, em sua capacidade de ainda fazer história, em suas influências sobre as gerações posteriores”. Por conseguinte, ainda segue em sua argumentação, de que esses outros contornos hermenêuticos possibilitariam “[...] produzir a significação efetivadora e atualizadora da consciência histórica na fusão dos horizontes do passado e do presente como alteridade no horizonte maior e móvel da história eventual, ou histórias dos efeitos que se atualizam” (Marques, 1990a, p. 94).

Já na pedagogia crítica-dialética, “[...] o plano crítico do sentido radical da emancipação humana” (Marques, 1990a, p. 105) trata de uma nova leitura de mundo, pois existe um rompimento com o “[...] sentido dado na facticidade, para estabelecê-lo no horizonte das possibilidades abertas à ação comunicativa, fundada na participação livre e igual de todos os envolvidos no processo da educação” (Marques, 1990, p. 19). Em outras palavras, é o re-acendimento da chama da curiosidade irreverente, que conduz o ser humano às profundezas do ainda desconhecido. Existem impenetráveis e sagradas sendas e fissuras da condição de ser humano a serem desfolhadas pela curiosidade. A condição cosmológica, tanto do universo quanto da sociedade e das salas de aula, contém ilusões e equívocos que somente uma ardente curiosidade pode desejar vasculhar. A curiosidade, em qualquer fase da vida e dos viveres, implica numa insaciável construção e afirmação da vida e de conhecimentos, pois aceita-se que “[...] todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer” (Maturana; Varela, 1995, p. 70). É ela a mola-mestra que impulsiona o vir a ser, como um grande jogo versátil, intensamente alimentado pela impressionante capacidade do ser e do fazer diferente.

Por último, na pedagogia epistêmico-instrumental, se nela aflorasse essa intemperividade de uma Universidade que profana as fronteiras epistêmicas do *Trivium* e do *Quadrivium*,

- 1) seja dos conteúdos do saber que devem ser criticamente avaliados, selecionados/priorizados, ordenados e graduados, para que se façam orgânicos e adquiram o real sentido com que se inscrevem na ação proposital do ensino/aprendizagem;
- 2) seja do currículo oculto nas formas em que são trabalhados os conteúdos, e nas normas, valores e crenças;
- 3) seja dos procedimentos didáticos, das tecnologias desenvolvidas, dos materiais do ensino/aprendizagem, para que se façam fundados no estado atual do desenvolvimento das ciências concernidas e se inscrevam na ação proposital presidida pela prática pedagógica (Marques, 1990a, p. 107).

Uma Universidade que se constitua em sabedoria é aquela que, apesar de conviver com o *economicus* para, ainda assim, fazer brotar a curiosidade energizada, permite romper com o empobrecimento imposto pela lógica racional, fragmentária

e transmissiva à qual fomos e continuamos expostos. Lógicas que se constituem em verdadeiras barreiras, cerceando nosso desenvolvimento numa perspectiva sistêmica e interdependente. Nesse viés, a curiosidade é fundamental para o rompimento da barreira do dualismo dependente/independente, e para a criação de pré-disposições ao desenvolvimento da noção inédita de interdependência. O ensonhamento dos(as) formados(as) é também criar explicações e conhecimentos que possam contribuir para uma vivência e convivências diferentes e melhores. Seu esforço deve ser no sentido de contribuir para aliviar o sofrimento bio/psico/afetivo dos seres humanos, bem como, suas inúmeras cegueiras antropológicas, teóricas e ideológicas dos pedagogismos da morte. Assim, lembramos do irreverente e cordial educador humanista Mario Osorio Marques, e finalizamos nossa escrita com as palavras em *devir* do Amigo, de Mario: Paulo Evaldo Fensterseifer, que não é poeta, mas chama poesia o que escreve na dor, e com dor escreve :

Saudades do Mario
Orfandade é o que sentimos
Afinal
Todos somos um pouco Mario
O Mario porém se foi
E presente ficou
No que em cada um de nós deixou
Só mobilizando este pouco de Mario que temos em nós
Poderemos amenizar o vazio de sua ausência
Jamais substituir sua singular presença
Nosso universo ficou incompleto
Como incompleto era o Mario
Ninguém mais que ele tinha consciência dessa incompletude
O mundo para ele era incompleto
As leis e regulamentos eram incompletos
Os livros e autores eram incompletos
Por isso superáveis
Esse movimento dialético
Colocava o Mario sempre em busca de uma nova síntese
(segundo alguém o Mario sempre estava “sentado na síntese”)
Mas a síntese para o Mario
Não era nunca “A” síntese
Eram momentos de um caminho sempre a se fazer
Momentos que Mario objetivava em livros
Escritos para pensar e continuar escrevendo e pensando
Por isso esse Mestre transformava-se facilmente
Em aluno da primeira fila a escutar
Humildade que só a inquietude intelectual produz
Humildade que escondia o Mario incendiário

Que espalhava centelhas em tudo e em todos que tocava
Mas não se satisfazia com a autoria do fogo
E sim com nossa capacidade de mantê-lo aceso.
Enquanto a chama das instituições que ele criou
E das inquietudes intelectuais que ele gerou
Estiverem ardendo
A morte do Mario será apenas
A morte de uma semente.
Saibamos cultivá-la
Seus frutos podem amenizar a dor
Da saudade do Mario.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- DALBOSCO, Claudio A.; FLICKINGER, Hans-Georg. Diálogo entre Hans-Georg Flickinger e Claudio A. Dalbosco: traços de uma viagem hermenêutico-formadora. In: DALBOSCO, Claudio A. et al. (org.). *Universidade formadora: Festschrift a Hans-Georg Flickinger*. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024. p. 12-40.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.
- GUITTON, Jean. *O trabalho intelectual: conselhos para os que estudam e para os que escrevem*. Campinas, SP: CEDET, 2018.
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *Educação: a aposta radical do oficiar*. Publicado em 12 dez. 2020. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605489-educacao-a-aposta-radical-do-oficiar>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- MARQUES, Mario Osorio. Universidade emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí. Ijuí: Editora Unijuí, 1984. *Revista pedagógica*, v. 18, n. 37, jan./abr. 1984.
- MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e educação*. Ijuí: Editora Unijuí, 1988.
- MARQUES, Mario Osorio. O educador/pedagogo na relação educativa direta. *Contexto e Educação*, Ijuí, v.1, n. 1, p. 17-30, jan./mar. 1990b.
- MARQUES, Mario Osorio. *Pedagogia: a ciência do educador*. Ijuí: Editora Unijuí, 1990a.
- MARQUES, Mario Osorio. *A formação do profissional da educação*. Ijuí: Editora Unijuí, 1992b.
- MARQUES, Mario Osorio. Os paradigmas da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: MEC-Inep, v. 73, n. 175, p. 547-565, set./dez. 1992a. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view-File/389/394>. Acesso em: 1º dez. 2015.
- MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: Editora Unijuí, 1993.
- MARQUES, Mario Osorio. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Editora Unijuí, 1995.
- MARQUES, Mario Osorio. *Educação/interlocução, aprendizagem/ reconstrução de saberes*. Ijuí: Editora Unijuí, 1996.
- MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- MARQUES, Mario Osorio. *A escola no computador: linguagens articuladas, educação outra*. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.
- MARQUES, Mario Osorio. *Educação nas ciências: interlocução e complementaridade*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.
- MATURANA, Humberto. *Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima N. de. *Formação humana e capacitação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Campinas/São Paulo: Editora Psy II, 1995.

MATURANA, H.; VARELA, F. *De máquinas e seres vivos*. Autopoiese: a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, Edgar. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Rio de Janeiro: Bertrand Russell, 2020.

TREVISAN, Amarildo Luiz. O último refúgio da palavra: o desafio de escrever como gente. Escrever com alma, sentimento... “é mais do que desafio. É ato de resistência”. *Claudemir Pereira [online]*, 8 fev. 2025.

Autor correspondente:

Anderson Tedesco

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

R. Getúlio Vargas, 2125 - Flor da Serra, Joaçaba/SC, Brasil. CEP 89600-000

anderson.tedesco@unoesc.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

